

■

Temos o prazer de entregar ao público de leitores e leitoras o primeiro número da **Revista M.** do ano de 2023, cujo dossiê **Morte, gênero e sexualidade** foi organizado por **Cícero Joaquim dos Santos**, Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e **Maristela Carneiro**, Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso. O dossiê compõe a primeira seção do número 15 e reúne artigos que investigam de forma interdisciplinar e interseccional as conexões entre morte, gênero e sexualidades. Nos textos, é possível perceber a força repressora e violenta dos padrões heteronormativos de gênero na experiência dos sujeitos, fazendo-se notar nos casos de suicídios, homicídios e luto; além de estar presente no cotidiano das trabalhadoras da morte e nos monumentos funerários.

Abre o dossiê o artigo de **Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski**, professora do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, **Expectativas de casamentos frustradas e a morte suicida como desfecho: análise de inquéritos policiais por suicídios da cidade de Castro/Paraná do início do século XX**. A autora se debruça sobre quatro casos de suicídio envolvendo amores frustrados, a partir dos quais identifica a relação entre a construção social do amor romântico e o suicídio. Cada caso é reconstituído a partir da

* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do Centro de Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. CV: <http://lattes.cnpq.br/3178816058544660>



leitura de inquéritos policiais depositados na Casa de Cultura Emília Erichsen. A partir dos processos de morte suicida ocorridos em Castro, cidade do interior do Paraná, entre os anos de 1900 e 1940, é possível dimensionar como a imposição de relacionamentos monogâmicos e heteronormativos podem causar dor e sofrimento, em diferentes dimensões, a homens e mulheres levados a pensar suas vidas e sentimentos a partir de modelos sociais impostos. Ao mesmo tempo, as concepções de moralidade, honra, masculinidade e feminilidade da época são problematizadas por meio da análise de jornais, cartas e registros transcritos das falas de outros atores sociais, tais como policiais, juízes, advogados e testemunhas, envolvidos nas investigações realizadas nos processos judiciais resultantes dos suicídios.

Em **Representações de mulheres na arte tumular do Cemitério de São João, Manaus/ Amazonas: imaginário social da belle époque e a emancipação feminina**, Márcio Páscoa, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras e Artes e ao Curso de Música da Universidade do Estado do Amazonas, e **Carla Aires Martins**, professora de geografia da Secretaria do Estado de Educação e Desporto do Amazonas, comparam as representações das mulheres na arte tumular presente no Cemitério Municipal de São João, com as mulheres reais da Manaus da Belle Époque, no período entre o final do século XIX e início do século XX. Compreende-se o cemitério como espaço público no qual as representações sociais reforçam os sentidos sociais presentes na sociedade amazonense do período. A análise do conjunto escultórico cemiterial relativo às imagens femininas evidencia os papéis sociais atribuídos às mulheres retratadas como nutrizas, cuidadoras, esposas e mães zelosas, reforçando os estereótipos de figuras sentimentais e emotivas da época. No entanto, a presença de uma escultura específica fez acender a chama da curiosidade dos autores. A escultura tumular da jovem Ária Ramos, violinista de família proeminente na cidade, morta acidentalmente, cujas homenagens lhe renderam a construção de um mausoléu com sua figura retratada em mármore. Ao buscar conhecer mais as mulheres reais através de registros públicos, comerciais ou periódicos de Manaus, os autores demonstram os conflitos e dissonâncias entre os modelos concebidos, o cotidiano das mulheres reais e as imagens idealizadas nas lápides e mausoléus da necrópole do Amazonas.

José Juliano Cedaro, professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia, e **Ana Paula Costa e Silva**, Pesquisadora do grupo de pesquisa sobre Estudos de Morte e Pós Morte do Laboratório de Política, comportamento e Mídia da Faculdade de São Paulo, escrevem **Mulheres que trabalham com a morte: a perspectiva feminina diante de ofícios do sistema funerário**. Utilizando a metodologia bola de neve, entrevistaram trabalhadoras de serviços funerários, buscando seus relatos de experiências com aspectos subjetivos da profissão. Dada a escassez de pesquisas que abordem a participação das mulheres nesse segmento laboral específico e a exígua ocupação das mulheres nas profissões associadas à morte, o artigo debate a desigualdade de gênero nos serviços funerários - mesmo que as tarefas de cuidado em geral sejam majoritariamente femininas. Nas entrevistas, as mulheres relatam resistências masculinas a sua inserção nestas carreiras, necessidade de esforço maior para provar capacidade de gestão e liderança, além do recorrente estigma pelo contato e convivência com os cadáveres.



Lili como fantasma: tensionando a cena de interpelação da teoria queer é o artigo de **Udinaldo Francisco Souza Junior**, Doutorando no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, e **Ângela Lucia Silva Figueiredo**, professora do Centro de Artes, Humanidades e Letras e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O trabalho apresenta uma descrição densa do rito de morte de Lili, Shaynna Xayuri Morgana, ativista do movimento LGBTQIA+ nas cidades de Cachoeira, São Félix e outros municípios do Recôncavo Baiano, que foi assassinada em 2018. Na escrita, é possível perceber as formas de resistência política possíveis e interrompidas num contexto de violência letal, além dos sentidos e agenciamentos relacionados à cisheteronormatividade e aos movimentos políticos dissidentes de gênero. Utilizando a teoria da “Virada Espectral”, explora-se como Lili atua como fantasma, tornando-se presença simbólica em foro público e social após sua morte. Os textos de Judith Butler tornam-se ferramentas teóricas do artigo para demonstrar a “monstrificação do seu corpo”, que primeiramente foi destruído no assassinato com 27 tiros no rosto, e, em seguida, novamente violentado ao ser reconstruído pelos profissionais do segmento funerário. A atuação de Lili como “pessoa ruim” - nos termos de Althusser – prossegue, mesmo após seu sepultamento, algo perceptível aos estudiosos quando as companheiras de Lili anunciam que ela continuaria movimentando a vida dos mortos no cemitério. Conclui-se que os fantasmas implicam/ocupam politicamente a vida de outras pessoas, criando redes de reconhecimento geradoras da continuidade de ações de resistência política na companhia de outros sujeitos.

Encerra o dossiê o artigo, **A vivência do luto do cônjuge em idosos gays, lésbicas, bissexuais e/ou trans: Revisão Narrativa**, de **Leticia Gabarra**, professora Colaboradora do Mestrado Profissionalizante Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina, **Victoria Pereira Garcia Domingues**, Docente convidada na Pós-graduação em Psicologia Hospitalar e no Curso de Atualização em Psico oncologia do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, **Tom Almeida**, especialista em Teoria, Intervenção e Pesquisa em Luto pelo Instituto de Psicologia Quatro Estações e **Gabriela Casellato Brown Ferreira Santos**, Diretora do Quatro Estações Instituto de Psicologia Intervenções Psicológicas em Emergências. Seu objetivo é compreender a vivência do luto pela perda do cônjuge entre idosos LGBT e as implicações destas mortes na saúde mental. Por meio de buscas em bases de dados e portais de pesquisa, foi realizada uma revisão narrativa da literatura. O processo de viuvez na velhice é apresentado como período de desorganização social e de perturbações psíquicas que pode, inclusive, levar à morte do enlutado. Para as pessoas LGBT, o luto é uma experiência não legitimada pela sociedade, o que significa dizer que não pode ser expresso, acarretando a internalização de auto estigmas, emoções autodepreciativas e impactos na identidade do sujeito. Além disso, cônjuges enlutados costumam não receber apoio familiar, sendo excluídos de rituais e de direitos concedidos aos viúvos heterossexuais. O artigo propõe aos profissionais de saúde conhecimento das demandas específicas de cada relacionamento LGBT para que as nuances contextuais sejam revistas e os paradigmas da cultura heteronormativa hegemônica sejam modificados.



A seção ARTIGOS LIVRES é composta por cinco trabalhos. No primeiro, **Yewá, la reina del cementerio en la santería cubana**, **Roberto Garrés Marrero**, vinculado à Universidade Iberoamericana do México, analisa os livretos de santeria do sistema adivinhatório Ifá. O acesso a tais textos sagrados foi obtido em trabalho de campo de mais de uma década, realizado nos municípios de Santa Clara e Havana, em Cuba. Registrados por babalorixás, estes textos têm a função de regar a vida dos fiéis e explicar fenômenos naturais, sociais e religiosos. O autor se detém sobre Yewá, uma das entidades ligadas à morte na santería cubana, protagonista dos patakis, que são contos e histórias. Habitante dos cemitérios, ela é considerada responsável pelo trabalho de desumanização no pós-morte, especificamente através da putrefação das carnes e limpeza dos ossos, que fazem aparecer o esqueleto dessexualizado. Para esta análise, o artigo se baseia numa perspectiva teórica que busca compreender diferentes ontologias da existência por meio de uma metodologia múltipla, que se compõe de análise de entrevistas, observação participante, conversas informais e leitura dos textos sagrados.

Trazar la trayectoria hacia el otro mundo: La buena muerte de una jefa tradicional cucapá é o artigo escrito por **Berenice Morales Aguilar**, investigadora pós-doutoral da Pós-graduação em História e Etnohistória da Escola Nacional de Antropologia e História, ligada ao Instituto Nacional de Antropologia e História do México. Nele, a autora analisa a concepção da boa e da má morte entre os cucapás, que vivem na Baixa Califórnia, no México, a partir do velório de Inocencia González Sáiz, a última chefe tradicional destes povos. Ocorrido em 2020, o funeral foi pontuado como uma ocasião marcante de reforço da crença tradicional de que os últimos momentos da vida dos falecidos são ingredientes fundamentais para definir o destino após a morte. A esta crença soma-se a ideia de que o velório é um espaço para resolução de conflitos entre os vivos, aspecto fundamental para a liberação da alma do morto que precisa partir deste mundo. Por intermédio de entrevistas de parentes, o artigo analisa duas versões do evento. Na primeira, parte dos parentes considera que o velório teria sido realizado de forma tradicional e conciliatória, servindo de exemplo para as gerações posteriores. No entanto, o falecimento do filho da chefe, quinze dias após o seu velório, foi visto por outros interlocutores como prova do retorno da morta para solucionar intrigas não resolvidas que não a teriam deixado “descansar”. Ao cotejar os dados de campo do rito funerário, a cosmologia deste povo e as entrevistas virtuais, a autora conclui que as trajetórias dos mortos são definidas pelos enlutados a partir das experiências que as pessoas teriam tido em vida. A partir da morte da chefe tradicional, seus familiares construíram um discurso por meio do qual se criou um lugar de memória e com o qual se reivindicou não apenas o passado ancestral de um grupo familiar, mas também a identidade do grupo étnico.

Hércules da Silva Xavier Ferreira, doutorando em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e **Francisco Ramos de Farias**, professor do Programa de Pós-graduação em Memória Social da mesma universidade, abordam a construção de sentidos da memória a partir do Massacre de Realengo, ocorrido em 2011 numa escola municipal carioca. No artigo **Escola Tasso da Silveira e sensíveis interpretações para a devida mediação memorial**, os autores recuperam o evento no qual Wellington Menezes de Oliveira adentrou sua antiga escola e matou doze estudantes, para mapear diferentes tipos de reações de luto.



Entre as reações espontâneas, citam a colocação de flores, pintura de murais e fundação de uma Organização Não Governamental (ONG) dedicada ao combate do bullying nas escolas. Entre as iniciativas do poder público para a ressignificação do evento, analisam a ação de monumentalização do luto por meio da instalação de esculturas em bronze, em frente à escola, como homenagem aos mortos. Os autores procuram compreender a criação de um circuito informacional em torno do evento violento que, além de gerar sofrimento e horror, teve caráter singular, tornando-se referência para manifestações de solidariedade, assim como repertório para futuros crimes. Ao mesmo tempo, por intermédio da análise de imagens depositadas no mapa RUPTURAS, Ferreira e Farias debatem a criação de circuitos de memória que consistem em registros fotográficos de esculturas erigidas com o objetivo de ressignificar óbitos violentos ocorridos no território mais amplo da cidade do Rio de Janeiro.

O quarto artigo, **Panorama de pesquisas sobre aspectos educativos da morte no contexto da educação básica a partir de uma Revisão Sistemática de Literatura**, foi escrito por **Daniele Trevisan**, doutoranda em educação pela Universidade Federal do Mato Grosso, e por **Cristiano Maciel**, Professor do Instituto de Computação da mesma universidade. A partir de uma revisão sistemática da literatura de trabalhos científicos publicados nos últimos dez anos nos principais meios de divulgação científica do país, o artigo identifica pesquisas realizadas na educação básica sobre a temática da morte. Foram analisadas cinquenta e nove pesquisas, entre trabalhos de conclusão de curso, artigos, dissertações, teses e capítulos de livros, por meio das quais os autores investigaram as principais categorias relativas à associação entre morte, crianças, escola, luto e suicídio. Conclui-se que, embora a temática da morte seja relevante para o desenvolvimento dos estudantes, seu debate prossegue interdito na escola, compreendida como lugar que silencia o assunto.

Encerra a seção o artigo, **Morte e despedida: Análise processual de morte e morrer para grupos religiosos e ateus**, escrito por **Glaudston Silva de Paula**, professor do Centro Universitário Gama e Souza, **Antonio Marcos Tosoli Gomes**, professor Titular do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, **Karen Paula Damasceno dos Santos Souza**, doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, **Diogo Jacintho Barbosa** e **Caren Camargo do Espírito Santo**, professores do Centro Universitário Gama e Souza, e **Marcia Pereira Gomes**, enfermeira do Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. Por meio de entrevistas semiestruturadas a grupos religiosos e ateus, realizadas em templos religiosos de matriz espírita, católica, umbandista, candomblecista e protestante, além de uma universidade pública, o artigo relaciona a representação social da morte e a importância da dimensão religiosa para pessoas diante dos processos de morte, na perspectiva da área da saúde. Foram destacados os temas da institucionalização da morte e do morrer, bem como a negação da morte para as diferentes religiões, em face ao luto. Conclui-se que o conhecimento sobre a dimensão espiritual / religiosa dos pacientes é aspecto primordial na atuação dos profissionais de enfermagem, possibilitando um cuidado mais ampliado àqueles que atravessam os processos de finitude.

A seção RESENHAS traz duas contribuições. Em **O cemitério como fonte de conhecimento da cultura judaica**, **Fabiana Comerlato**, professora do curso de Museologia



e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, resenha o livro “Guia de visitação do Cemitério Israelita da Vila Mariana”, de autoria de Roney Cytrynowicz. O livro é um guia ilustrado com roteiros e mapas que permitem planejar uma visita orientada ao Cemitério Israelita da Vila Maria, em São Paulo. Dadas as características da metrópole fotografada por Laila Zilber Kontic, a obra adquire caráter memorialístico e documental. O Guia propõe cinco roteiros para se caminhar por entre as árvores e túmulos, além de possibilitar o conhecimento da comunidade judaica e seu papel na formação da maior capital do país. Fabiana Comerlato acrescenta informações sobre o contexto de criação dos cemitérios judeus e imigração judaica no Brasil.

O número 15 da Revista M. é encerrado com a resenha de **Márden Cardoso Miranda Hott**, pesquisadora colaboradora do Núcleo de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas, ligado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada **O Espiritismo em Registros Imortais**. A autora apresenta o livro de cunho espiritualista, “Espíritos Diversos”, organizado por Eugênio Eustáquio Santos. A obra resenhada consiste na transcrição de psicofonias transmitidas por espíritos desencarnados no Centro Espírita Meimej, da cidade de Pedro Leopoldo, em Minas Gerais, entre os anos de 1956 e 1958. As mensagens psicografadas foram registros de sessões realizadas no recém fundado centro espírita no qual Chico Xavier e Arnaldo Rocha realizavam reuniões mediúnicas de desobsessão, feitos em aparelho gravador raríssimo na época, doado por Torres Pastorino, autor de nada menos que “Minutos de Sabedoria”, uma obra de autoajuda muito popular no país. O objetivo dos registros era documentar, para estudo, o material doutrinário do espiritismo, até aquele momento transmitido oralmente e mantido na memória de seus participantes. A riqueza da obra consiste no registro de oitenta e oito sessões mediúnicas com data e horário da realização, além dos nomes dos seus participantes e dos espíritos contatados. Segundo Hott, a obra serve não apenas para religiosos que queiram aprender mais sobre a doutrina espírita, para prática espiritualista, mas também para estudiosos que queiram compreender o funcionamento desta religiosidade nos anos de sua fundação no Brasil.

Este número da revista é amplo e rico, abrangendo um escopo de pesquisas de cunho nacional e internacional sobre os processos sociais que envolvem a morte e o morrer. Temos certeza de que, mais uma vez, a **Revista M.** cumpre seu papel em ampliar o debate da temática da morte relacionando-a a aspectos diversos da experiência humana. O enfoque central nos debates de gênero e sexualidade que são dimensões essenciais da vida social servirão de consulta e inspiração para aqueles que lerem os estudos ora apresentados. ■

